



**Veredas Temática:**

**Linguística Latina: modelos, interpretações e análises linguísticas**

**Volume 23 nº 1 - 2019**

---

**Representação do sistema consonantal latino à luz da fonologia autossegmental**

Carlos Renato Rosário De Jesus (UEA)

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo apresentar uma primeira proposta de representação dos processos fonológicos mais comuns da língua latina à luz da fonologia autossegmental, dentro dos modelos não-lineares da fonologia gerativa, especificamente, a geometria de traços. Para isso, fizemos um levantamento preliminar dos principais fenômenos fonéticos e fonológicos do latim, ainda sob uma orientação mais tradicional e estruturalista para, então, aplicarmos os procedimentos da teoria pertinente. Com isso, pudemos verificar que diversos processos anteriormente não inter-relacionados são mais facilmente visualizados, explicados e compreendidos, já que submetidos a um procedimento metodológico que visa interpretar os fenômenos sonoros das línguas sob um paradigma universal.

Palavras-chave: Latim; fonética; fonologia; fonologia autossegmental; geometria de traços.

## Introdução

Este artigo reúne algumas constatações oriundas das nossas recentes incursões às teorias fonológicas gerativas, na tentativa de oferecer uma representação mais precisa para diversos fenômenos da língua latina que a descrição tradicional ainda não realizou de modo satisfatório, ao menos, sob o paradigma de uma teoria linguística moderna. Obviamente, isso não invalida as investidas feitas nesse campo por numerosos filólogos e latinistas, tanto que muito nos utilizamos de suas observações para esta pesquisa. Contudo, ao nosso ver, um tratamento mais condizente com o avanço das teorias linguísticas modernas ainda é lacunar.

Portanto, com a intenção de colaborar para as pesquisas nesse campo, pretendemos, aqui, devido ao espaço limitado de um artigo científico, demonstrar panoramicamente a possibilidade de interpretar os dados fonéticos do latim em compasso com as tendências linguísticas contemporâneas. Temos ciência de que qualquer resultado obtido – devido ao estado atual exclusivamente escrito do latim, sem, portanto, registro oral – será sempre especulativo e hipotético, como admitem todos os que percorrem esse campo.

No que concerne ao presente recorte, começaremos por montar um quadro fonêmico das consoantes do latim. Haja vista nossa abordagem preliminar e panorâmica, não partimos de um *corpus* específico do latim<sup>67</sup>, e sim, das largamente aceitas constatações de Sturtevant (1940), Faria (1970), Williams (1975), Allen (1989), Tarallo (1990) e, mais recentemente, Oniga (2014). Tais autores, especialmente Allen e Sturtevant, montam um panorama detalhado do sistema consonantal e vocálico do latim, com vistas a uma proposta de pronúncia tanto mais fiel quanto possível ao que os romanos no período clássico (entre o séc. I a.C. e o séc. I d.C.) efetivamente falavam<sup>68</sup>. As fontes utilizadas são os próprios escritos dos gramáticos latinos, o estudo cuidadoso da métrica clássica e, por fim, a comparação com as línguas neolatinas (método comparatista). A sistematização de tais fontes pelos autores fez com que chegassem a uma descrição dos sons possivelmente atribuídos aos segmentos fônicos dos romanos. Não é nosso intento rediscutir aqui suas conclusões, nem reproduzir exaustivamente seus argumentos para a descrição dos fonemas do latim. Pretendemos, sim, retomar algumas de suas considerações sobre a fonética latina e reinterpretá-las de acordo com os critérios da teoria fonológica que adotamos.

Assim, após propor um quadro fonêmico do latim, faremos uma breve exposição de algumas ocorrências consideradas mais relevantes e, em seguida, passaremos à proposta de uma matriz de traços (conforme o modelo de CHOMSKY e HALLE, 1968) para o latim, para, então, retornar às questões previamente levantadas e propor representações fonológicas a partir dos traços, i. e., da teoria gerativa autosegmental. Relembramos que, até onde sabemos, esta é a primeira proposta de uma matriz de traços feita exclusivamente para o latim clássico. Por isso, demos mais atenção à sua efetiva utilização na descrição dos processos fonológicos aqui descritos do que propriamente ao detalhamento de conceitos e procedimentos mais elementares da disciplina Fonética/Fonologia, algo que pressupomos ser de domínio do nosso leitor.

---

<sup>67</sup> Não expusemos aqui um procedimento que seria obrigatório nesse tipo de pesquisa, isto é, o levantamento de todos os sons da Língua Latina, através da distinção de pares mínimos. Os motivos são dois: primeiro, já procedemos a esse trabalho em outro momento (JESUS e OLIVEIRA, 2016); segundo, estamos satisfeitos, por ora, com o levantamento feito pelos estudiosos citados neste artigo, cujas propostas tivemos o cuidado de interpretar crítica e rigorosamente.

<sup>68</sup> Trata-se da pronúncia reconstituída, atualmente a mais aceita e usada no mundo inteiro, embora não isenta de discordância (cf. STORY, 1879).

## 1. Os fonemas consonantais do latim

Qualquer manual, compêndio ou estudo que tenham em vista uma descrição pormenorizada acerca da prosódia da língua latina, certamente terão como um dos principais pontos de partida a escolha de uma proposta de quadro fonêmico. De fato, conforme já constatamos anteriormente (JESUS e OLIVEIRA, 2016), são relativamente numerosas tais propostas que, obviamente sob critérios variados, findam por apresentar quadros quase sempre com alguma divergência entre si, o que constitui empecilho no momento de escolher uma única proposta, com vistas a procedimentos semelhantes ao nosso. É caso de, entre outros e além dos já citados nesta introdução, Furlan (1993), Stock (2000) e Ribeiro e Cândido (2010), todos já oportunamente analisados por nós (*id.*, *ibid.*).

Percebemos, à época, que tais propostas carecem de algumas observações, pois, uma vez que alguns fenômenos fonológicos são muito recorrentes no latim, sua representação, em determinados momentos, escapa a uma precisão descritiva eficiente, justamente devido à opção fonético-fonológica do quadro fonêmico de cada autor. Por exemplo, em abordagem recente, Ribeiro e Cândido (2010) elaboraram um quadro dos sons consonantais que, a nosso ver, carece de uma releitura. Além do fato de simplesmente reproduzir os argumentos de estudiosos, como Sturtevant, citado acima, Ribeiro e Cândido apenas ensaiam algumas interpretações fonológicas, partindo principalmente da teoria da sílaba. Diversos fenômenos fonéticos do latim (como a velarização de /l/ e a desvozeamento de /b/, por exemplo) são apenas mencionados, mas não analisados pelos autores.

Além disso, à época em que publicamos os primeiros resultados daquela pesquisa, ainda não havíamos tido acesso ao livro de Renato Oniga, *Latin: a linguistic introduction*, de 2014, edição atualizada de sua versão original italiana de 2004. Desse modo, não pudemos incluir suas considerações sobre esse tema. Oniga resume o quadro fonêmico de modo muito didático e objetivo, simplificando para apenas três os lugares de articulação dos fonemas consonantais: *labiais* (ou mais precisamente *bilabiais*, /p, b/), *dentais* (/t, d/) e *velares* (/k, g/), embora não se esqueça de mencionar brevemente as variedades e particularidades de cada grupo. De maneira símile, o autor segue a regra geral de divisão do modo de articulação em *oclusivas* (/p, b, t, d, k, g/), *fricativas* (/f, s/), *nasais* (/m, n/), *lateral* (/l/) e *vibrante* (/r/). Em sua proposta, o modo de articulação *alveolar* não está presente (daí, portanto, que /n/, /r/, /s/ e /l/ seriam simplesmente *dentais*), bem como a *glotal* /h/, também ausente de seu quadro. Contudo, apesar de ser bastante profundo e sistemático com a morfologia e a sintaxe do latim, Oniga é exíguo em termos fonológicos.

Diante disso, após levar em consideração a análise dos quadros fonêmicos feitos por autores que destinam o seu estudo a uma possível reconstrução da fala no período clássico do latim, julgamos pertinente propor nós mesmos um quadro fonêmico, com base, é verdade, nas constatações anteriores e no estudo atento do sistema sonoro do latim, já exaustivamente sistematizado por diversos filólogos, especialmente os aqui já citados. Por ser apenas uma proposta, não será preciso dizer que este não é e nem será um quadro definitivo para a reconstituição da fala na Roma antiga. Este quadro é apenas uma possibilidade, resultado da tentativa de revisitar o que foi dito sobre os fonemas do período clássico, a fim de propor, através de uma análise à luz dos estudos da fonologia gerativa, uma interpretação diferente para alguns processos fonológicos ainda não suficientemente esclarecidos. O quadro fonêmico do latim que propomos é este:

	Bilabial	Labiodental	Labiovelar	Dental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		k <sup>w</sup> g <sup>w</sup>	t	d		k g	
Nasal	m				n			
Vibrante					r			
Fricativa		f			s			h
Lateral					l			
Aproximante	w					j		

**Quadro 1:** fonemas consonantais do latim

Quando em pares, a consoante à esquerda é desvozeada e, à direita, é vozeada.

Como se vê, trata-se de um sistema relativamente simples, com apenas 17 fonemas consonantais, em que pese o fato de que, à exceção das oclusivas, falta simetria às demais consoantes, tanto internamente como em relação à série oclusiva (CÂMARA JÚNIOR, 1976, p. 49 *apud* TARALLO, 1990, p. 107). Isto é, enquanto as oclusivas apresentam os respectivos pares distintivos de desvozeado e vozeado, o mesmo não se dá com as demais consoantes, algo que só ocorrerá na passagem do latim vulgar para as neolatinas, como o português, por exemplo.

Não entraram no quadro acima as consoantes geminadas que, em latim, eram distintivas, pois representavam o alongamento da consoante<sup>69</sup>. Assim, havia oposição fonológica entre:

/t/ - *curo* “cuidar de”

/l/ - *stela* “estela”, “coluna”

/n/ - *anus* “ânus”

*Etc.*

/rr/ - *curro* “corro”

/ll/ - *stella* “estrela”

/nn/ - *annus* “ano”

## 1.1 As oclusivas desvozeadas

Na proposta de Ribeiro e Cândido (2010), existe uma linha a mais no modo de articulação, que envolveria as oclusivas aspiradas (p<sup>h</sup>, t<sup>h</sup> e k<sup>h</sup>). De fato, é muito provável que esses sons pertencessem ao inventário latino. No entanto, só se aplicam a palavras de origem grega (π, θ e χ, em latim: *Philippus*, *Corinthus* e *machina*) ou emprestadas de outras línguas. É muito provável que somente um grupo social mais letrado as pronunciasse, em respeito à pronúncia grega (STURTEVANT, 1940, p. 157). E, mesmo quando a língua latina incorporou a aspiração e passou a escrever *pulcher* em vez de *pulcer*, por exemplo, isso não era de uso generalizado. O fato é que, em relação às oclusivas surdas /p/, /t/, /k/, “uma vez que não há oposição, nas palavras nativas latinas, entre as plosivas aspiradas e não aspiradas e, por isso, nenhuma possibilidade de confusão relevante, certamente algum grau de aspiração poderia

<sup>69</sup> A interpretação das consoantes geminadas não é escopo deste artigo. Trataremos delas em trabalhos futuros.  
VEREDAS ONLINE – TEMÁTICA – 1/2019 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA – ISSN: 1982-2243

teoricamente ser tolerado”<sup>70</sup> (ALLEN, 1989, p. 12). Mais um detalhe: não há consenso quanto ao modo de articulação exato de /t/ e /k/ (assim como de /n/), por isso, tanto podem ser dentais quanto alveolares, a despeito do que propõe Oniga (2014, p. 15).

É preciso notar, ainda, a especificidade da oclusiva surda labiovelarizada<sup>71</sup> /k<sup>w</sup>/, a despeito da qual Allen (1989, p. 16) adverte não se tratar de dois fonemas separados, mas de um único fonema complexo. Por exemplo em: *quantum* (/k<sup>w</sup>antum/)<sup>72</sup>, *quod* (/k<sup>w</sup>ɔd/), *aqua* (/ak<sup>w</sup>a/), etc.

## 1.2 As oclusivas vozeadas

As oclusivas vozeadas (/b/, /d/, /g/ e /g<sup>w</sup>/) merecem duas observações. Primeiro, em alguns casos, o /b/ se realiza como /p/<sup>73</sup>, devido a um desvozeamento que ocorre no final de algumas preposições (*sub*, *ab*, *ob*, etc.) ou no final de raiz de palavras que, em outros ambientes, terminam em /b/. Por exemplo: *obtineo* > *optineo*; *urbs* > *urps*<sup>74</sup>. No entanto, em outro contexto, encontramos a forma: *abeo* e *urbes*, ou seja:

[b] → [p] / \_\_\_\_\_ [t, s]<sup>75</sup>

Allen (1989, p. 22) dá a entender que, nesse caso, houve um processo chamado de assimilação, ainda parcial, o qual se realizaria de modo completo nos casos em que [b] sucede labiais e velares [f, m, g, k] e ‘br’ no caso da preposição “sub”. Assim: *obfero* > *offerō*; *submoueo* > *summoueo*; *subcino* > *succino*; *subripio* > *surripio*, etc.

O mesmo caso ocorreria com /d/, na preposição *ad*, em que também haveria uma completa assimilação do [d] diante de alveolares, labiais e velares (exceto diante de /h/, /i/, /u/ e /m/). Assim: *adsequor* > *assequor*; *adripio* > *arripio*; *adfui* > *affui*; *adpono* > *appono*; *adgredior* > *aggredior*; *adcurro* > *accurro*.

Allen (*id.*, *ibid.*) concorda que, antes da assimilação total, [b] e [d] foram primeiramente desvozeados, o que leva a crer que, por analogia, a pronúncia, em algum momento, poderia ter sido também: *supcingo*, *atsequor*, *atfui*, *atpono*, *atcurro*, ao lado de *obfero*, *subcingo*, etc. Vejamos a representação:

[b, d] → [p, t] / \_\_\_\_\_ [k, s, f, p]

<sup>70</sup> Tradução nossa de: “since (...) there was no contrast in native Latin words between unaspirated and aspirated plosives, and so no possibility of significant confusion, some degree of aspiration could theoretically have been tolerated”.

<sup>71</sup> Ribeiro e Cândido (2010, p. 132) excluem o /g<sup>w</sup>/ de seu quadro e classificam o correspondente sonoro como oclusiva labiovelarizada (ponto de articulação) e velar (modo de articulação).

<sup>72</sup> Uma vez que a questão fonética não é escopo principal deste artigo, descartei uma exaustiva transcrição fonética dos fonemas aqui exemplificados, limitando-me a uma maneira mais simplificada de sua representação gráfica.

<sup>73</sup> Embora, na escrita, continue a letra ‘b’. Por esse motivo, em alguns manuscritos, é encontrada a letra ‘b’ onde seria de se esperar um ‘p’, como no caso de *scribtura* em vez de *scriptura* (por analogia a *scribo*) cf. Allen (1989, p. 21-22).

<sup>74</sup> O que vai gerar regras de distribuição complementar, como veremos a seguir.

<sup>75</sup> Essa representação é bastante tradicional, de base estruturalista, e, por isso, segue a leitura padrão, no caso, o alofone [b] realiza-se como [p] no contexto de/antes de [t] e [s].

A segunda observação, ainda segundo Allen (1989, p. 23), refere-se ao fato de que, às vezes, ocorre uma pré-nasalização da oclusiva velar /g/ diante de [n]. Isto é, uma palavra como *agnus* seria pronunciada como *angnus* (/aŋnos/). De fato, há inscrições em que é possível encontrar formas como *ingnes* e *ingnominia* em vez de *ignes* e *ignominia*. A regra seria, então:

$$[g] \rightarrow [ŋ] / \text{ \_\_\_\_ } [n]$$

Segundo Sturtevant (1940, p. 155), nesse caso, isto é, no grupo formado por “gn”, seria preciso considerar necessariamente a nasal velar [ŋ] como um fonema distinto, algo que não é mencionado por Allen (1989). De qualquer forma, parece-nos tratar-se de apenas um processo fonológico em distribuição complementar, por isso excluímos [ŋ] do quadro de fonemas. Trataremos de sua ocorrência em outros ambientes, na seção 2.5 deste trabalho.

### 1.3 O /h/ e o /dz/

Já a fricativa glotal /h/, simples sinal de aspiração para os romanos, embora de origem grega (o espírito áspero<sup>76</sup>), não foi usada apenas nas palavras gregas ou emprestadas que se iniciavam com tal aspiração (cf. *harmonia*). Parece que muitos autores eruditos introduziram-na mesmo em palavras gregas que dispensavam aquele sinal, e até em palavras latinas, após *c*, *p* e *t*. Ex.: *hinsidias* por *insidias*, *chommoda* por *commoda*; e *triumphus*. Não obstante, segundo Faria (1970, p. 88), “de um modo geral todos os gramáticos latinos, inclusive os do último século de Roma, como Prisciano, por exemplo, insistem em se referir à aspiração do “h” e em recomendá-la”<sup>76</sup>. Em vez de pensar, portanto, em fonemas como p<sup>h</sup>, t<sup>h</sup> e k<sup>h</sup>, é mais simples considerar que, de fato, ocorreu a introdução da aspiração depois das oclusivas surdas. Pode-se comprovar a distinção do /h/, em pares como *oris* (ablativo de “boca”) e *horis* (ablativo de “hora”). Devido ao limite deste trabalho, não nos preocupamos em levantar outros ambientes distintivos para evidenciar o fonema /h/, mas, embora seja consenso entre os estudiosos que, entre vogais, poderia acontecer, eventualmente, de não ser articulado, como atestam as inscrições de *nihil/nil*; *mihi/mi*, é muito mais provável, quando ocorria entre vogais, que fosse sonorizado, como em *uehemens*. Eis a regra:

$$[h] \rightarrow [h̥] / v \text{ \_\_\_\_ } v$$

O segmento complexo /dz/ também pertence ao quadro fonético do latim do mesmo modo que as oclusivas aspiradas surdas, mas também só aparece nas palavras de origem grega que se iniciam pela letra ζ (dzeta ou zdeta), como em ζέφυρος (‘zephyros’). Não pertenceria, portanto, ao inventário dos fonemas latinos (FARIA, 1970, p. 113-114).

---

<sup>76</sup> Muito embora, em posição inicial, o “h” fosse, por vezes, omitido ou inadequadamente usado: *Oratia*, *hauet* por *Horatia* e *auet* (cf. ALLEN, 1989, p. 43).

## 1.4 As aproximantes

Os grafemas “i” e “u”, no período clássico, tinham valor de vogal e de aproximante. Por isso, /j/ e /w/ poderiam realizar-se com valor consonantal, em posição de *onset*, isto é, em início de sílaba, por exemplo em: *iactus*, *ieiuno*, *uadis*, *parua*. Posteriormente, o /j/ evoluiu, nas línguas românicas, para uma consoante plena, fricativa palatal /ʒ/, e para o grafema “J”, como em português. Quanto ao /w/, não há referência entre os gramáticos antigos, nem entre os estudiosos modernos quanto ao exato modo de sua articulação, embora se saiba que, às vezes, pode ser considerado velar labializada, como na palavra inglesa *well* (ONIGA, 2014, p. 17). No nosso quadro, optamos pela posição bilabial, como no português, sempre nos baseando no fato de que, em diversos momentos, Faria (1970) destaca a semelhança da pronúncia latina com o nosso sistema, nos casos em que, obviamente, tal questão é pertinente. Não obstante, o /w/ também sofreu processo análogo de consonantização, possivelmente ainda no latim, depois do período áureo, e passou a ser fricativa labiodental /v/, fazendo oposição distintiva com /f/ (TARALLO, 1990, p. 109). Sobre a ocorrência dos grafemas “i” e “u” como vogais e de /j/ e /w/ como aproximantes (semivogais, i. e., *glide*), veja-se a seção 3 deste trabalho.

## 1.5 As nasais: o caso de /n/

Do grupo de nasais /m/ e /n/, destacamos a alofonia da dental [n] antes de consoantes velares, quando se realiza como uma nasal velar, como em *anceps* ([aŋkɛps]), *angulus* ([aŋɣʊlʊs]), *cinque* ([kiŋq<sup>w</sup>e]), *sanguis* ([saŋɣ<sup>w</sup>is]), ou seja, um processo de **velarização**:

[n] → [ŋ] / \_\_\_\_ [k, g, q<sup>w</sup>, ɣ<sup>w</sup>]

E antes de [m], especialmente no caso da preposição *in*, se realiza como [m], como em *impono* (*in* + *pono*), *imbibo* (*in* + *bibo*), *immitto* (*in* + *mitto*), ou seja, um processo de **labialização**:

[n] → [m] / \_\_\_\_ [p, b, m]

## 1.6 As líquidas

Em latim, tanto /l/ quanto /r/ frequentemente mantêm a pronúncia *hard*, isto é, alveolar e vibrante, respectivamente, como em português “lata” e “arara”, à exceção de duas situações:

Com a lateral [l] ocorre, do mesmo modo que em português, uma velarização em posição pós-vocálica (final de palavra ou de sílaba), como, por exemplo, em *altus* e *sol* (STURTEVANT, 1940, p. 148). Assim, [l] se realiza [ɫ] em final de sílaba ou palavra:

[l] → [ɫ] / \_\_\_\_ #

Note-se, contudo, que no período clássico, não há registro do fenômeno de vocalização da lateral pós-vocálica, como também ocorre em português (o [ɫ] ser pronunciado como [u]).

Com /r/, ocorre o que os autores chamam de assimilação total antes de [l] (*id.*, *ibid.*).  
Ex.: *inter-lego* > *intellego*.

[r] → [l] / \_\_\_\_ [l]

## 2. As vogais

Neste artigo, não pretendemos propor representações para os processos fonológicos do sistema vocálico do latim. Não obstante, uma vez que não há grandes desacordos quanto a sua estrutura e que ele servirá ao nosso propósito de estabelecer uma matriz fonológica de traços de todos os fonemas latinos, achamos conveniente reproduzir o quadro das vogais para, em outro momento, procedermos a uma melhor análise de seus processos.

	Anterior		Central		Posterior	
	Longo	Breve	Longo	Breve	Longo	Breve
Alta	i:	ĭ			u:	ŭ
Média	e:	ĕ			o:	ŏ
Baixa			a:	ă		

Quadro 2: quadro fonêmico das vogais latinas

A tabela anterior<sup>77</sup> apresenta as dez vogais latinas, a respeito das quais, como dissemos antes, não há significativa discordância entre os estudiosos. Mesmo assim, haja vista o nosso interesse maior, neste trabalho, nas consoantes, consideramos importante destacar duas pequenas observações. Primeiramente, o traço de duração era distintivo e bastante comum no latim clássico. Assim:

*mālum* – mal      *lēgit* – presente      *pōpulus* – o povo  
*mālum* – maçã      *lēgit* – pret. perfeito      *pōpulus* – choupo ou álamo  
*Etc.*

Além disso, as vogais médias possuíam timbre fechado, se longas, e timbre aberto, se

<sup>77</sup> Baseada no quadro disponível em <http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Latin+pronunciation>.  
VEREDAS ONLINE – TEMÁTICA – 1/2019 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA – ISSN: 1982-2243



breves<sup>78</sup>.

Em segundo lugar, nos ditongos havia a presença dos *glides* ou *semivogais* /j/ e /w/, como em *Caesar* (/kaj.sar/) e *aurum* (/aw.rum/), daí porque possuem o valor de aproximantes apenas em posição de coda silábica. Note-se o fato de que, na grafia, como visto acima, as aproximantes eram representadas pelos grafemas “i” e “u”, o que certamente acarretava alguma confusão – de pronúncia, por certo – até mesmo para os romanos, em palavras como *uultus*, *uulpes*, *maius*, etc.

### 3. Os modelos fonológicos não-lineares<sup>79</sup>

A fim de dar seguimento à nossa proposta, precisamos fazer uma breve e panorâmica incursão pelos modelos não-lineares da Fonologia. Esses modelos pertencem ao arcabouço teórico do Gerativismo e foram inaugurados no início da década de 70, como resposta, ou melhor, como complemento aos avanços dos estudos fonológicos gerativistas, obtidos com a publicação da obra clássica de Chomsky e Halle (1968), *The sound pattern of English (SPE)*, que fez prevalecer, até meados dos anos 70, os estudos lineares. A obra em questão se dedicava exclusivamente ao formato do som das palavras e abriu caminho para posteriores vertentes teóricas não-lineares, como a Fonologia Autossegmental, a Geometria de Traços, entre outras. Isso porque, embora tenha avançado significativamente no que tange à importância dos estudos da prosódia das línguas, deixou de lado algumas outras questões – ou não as tratou com a devida profundidade –, como o acento, o ritmo e os constituintes<sup>80</sup> prosódicos no nível acima da palavra lexical<sup>81</sup>, temas tratados pela corrente que a seguiram, como a Fonologia Métrica e Fonologia Prosódica, as quais se firmaram como sólidas ramificações da Fonologia moderna, na esteira do desenvolvimento gerativista nos últimos 40 anos.

Para entender melhor o conjunto das questões que perpassam as reflexões tratadas pela abordagem gerativista, é preciso lembrar que os modelos anteriores (lineares) interpretavam a fala como uma combinação linear de segmentos ou conjuntos de traços distintivos, com uma relação de um-para-um entre segmentos e matrizes de traços, com limites morfológicos e sintáticos. Essa, muito resumidamente, foi a contribuição da teoria gerativista clássica de Chomsky & Halle, o *SPE*, que, a partir de então, segundo Kenstowicz (1994), representou uma grande evolução nos estudos sobre a natureza e o funcionamento das línguas humanas. No entanto, a crítica comumente feita a esse modelo, como afirmam Gussenhoven & Jacobs (1998, p. 136), é de que, se os segmentos formam uma estrutura ou uma cadeia de traços simples, na qual cada um carrega em si uma lista de traços, seria impossível representar aspectos de pronúncia que poderiam caracterizar mais de um segmento enquanto traço individual. Isto porque a língua frequentemente trata aspectos particulares de pronúncia (tom e nasalidade, por exemplo) como pertencentes a uma completa sequência de segmentos, para cuja representação e manipulação, embora conscientes do problema, os autores do *SPE* não ofereceram nenhuma proposta satisfatória.

---

<sup>78</sup> Cf. Tarallo, 1990, p. 99; Allen, 1989, p. 47-49; Williams, 1975, p. 52ss.

<sup>79</sup> Esta seção constitui-se de uma versão modificada e resumida de parte de minha tese de Doutorado, defendida em 2014, no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP.

<sup>80</sup> O constituinte prosódico é uma “unidade linguística complexa, cujos membros desenvolvem entre si uma relação binária de dominante/dominado, precisamente uma relação de forte/fraco ou vice-versa” (BISOL, 2001, p. 241).

<sup>81</sup> “Palavra lexical” é uma expressão usada para designar uma unidade de conteúdo semântico presente no léxico da língua (cf. SILVA, 2011, p. 170).

Na verdade, segundo Wetzels (1995), são vários os aspectos que diferenciam a Fonologia não-linear e as noções expostas no clássico *SPE* (Fonologia linear). Nesta, os sons e suas propriedades são representados como conjuntos não ordenados de **traços** ou **matrizes de traços**, nos quais cada segmento é especificado positiva ou negativamente. O **traço** como elemento primitivo de análise e representação da Fonologia das línguas, no modelo linear, é fundamental, e é definido em termos de propriedade específica de caráter acústico e articulatorio, bem como unidade mínima segmentável, que se combina de diferentes maneiras para formar os sons das línguas humanas. Na abordagem linear, contudo, não é possível explicar como os traços podem se estender por domínios maiores do que o segmento. Já nos modelos não-lineares, as relações entre fonologia, morfologia e sintaxe são explicitadas como parte da estrutura hierárquica que caracteriza as línguas humanas. Por isso, ao sistema de traços agregou-se a perspectiva de **camadas** de análise, que gerou desdobramentos teóricos diversificados, agrupados, num primeiro momento, no que se costuma chamar de **Fonologia Autossegmental**. Nesta, existe a solidariedade dos traços em termos de estrutura hierárquica e é permitido que as regras fonológicas manipulem diretamente essa estrutura. Esse modelo permite a segmentação independente de partes dos sons das línguas, ou seja, além de operar com segmentos completos e matrizes de traços, opera também com o autossegmento<sup>82</sup>. Sua base metodológica, portanto, desenvolve-se a partir de duas ideias principais: a de que não há uma relação “bijetiva”<sup>83</sup> entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza, e a de que o segmento apresenta uma estrutura interna hierárquica dos traços que o compõem.

Desses pressupostos, decorrem duas consequências importantes: a) a de que os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento, e b) a de que o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem<sup>84</sup> (GOLDSMITH, 1976). Decorre dessa proposta uma representação formal dos traços que compõem o segmento. Tal representação pretende-se capaz de mostrar quais os traços que podem ser manipulados isoladamente ou em conjunto, facilitando a expressão de classes naturais.

Segundo Abaurre & Wetzels (1992, p. 7), com o avanço das pesquisas autossegmentais, percebeu-se que o modelo exigia novas incursões teóricas no momento em que se percebeu que cada traço (e não somente os traços individuais de tom, ou outros envolvidos na harmonia vocálica e em processos de longa distância) poderia exibir algum outro grau de independência fonológica e que, na verdade, todos os traços poderiam estar envolvidos em outros processos fonológicos. Dessa forma, fez-se necessário que a representação fonológica do segmento possibilitasse a manipulação dos traços individuais. Dessa preocupação emergiu, dentro do modelo autossegmental, a **Geometria de Traços**, a qual

estuda a maneira pela qual os traços agrupam-se em unidades funcionais. Mais especificamente, ela formaliza o fato de que essas unidades funcionais, geometricamente expressas como “nós de classe” (“class nodes”), exibem um comportamento fonológico exatamente igual aos dos traços individuais. Assim, da mesma forma como os traços, os nós de classe podem estar envolvidos em espalhamento, apagamento ou epêntese, e sua presença pode bloquear a propagação do mesmo nó de classe. (ABAURRE & WETZELS, 1992, p. 7)

---

<sup>82</sup> O termo ‘autossegmento’ foi usado por Goldsmith (1976) para referir-se a qualquer traço que pudesse ser expresso em uma camada autônoma de representação.

<sup>83</sup> *Bijjective constraint*: termo cunhado por Poser (1982, p. 122 *apud* ABAURRE & WETZELS, 1992, p. 6) para designar que cada segmento sonoro corresponde exatamente a uma única especificação em termos de traços e vice-versa.

<sup>84</sup> Um bom exemplo desses dois pressupostos é o caso das línguas tonais.

Assim, é possível explicar, ou melhor, expressar os processos fonológicos – de assimilação de uma consoante a outra, por exemplo – que envolvam um único segmento ou traço, bem como representar grupos de traços sob um único processo ou nó de classe. O conjunto dos traços, conforme descrição de Chomsky e Halle (1968), agrupam-se em pares (+ ou -), de acordo com sua função articulatória, exemplificada pelos autores através várias línguas do mundo, ou seja, “os traços *distintivos*, como unidade de descrição e análise da fonologia das línguas, têm servido como instrumento formal para mostrar a naturalidade do funcionamento dos sistemas linguísticos” (BISOL, 2001 p. 26). É o que demonstraremos em alguns processos consonantais do latim.

### 3.1 Matriz de traços para o latim<sup>85</sup>

Com o objetivo de retomar as regras fonológicas expostas anteriormente, a partir de um feixe de traços, proporemos, com base na teoria autosegmental e na caracterização dos segmentos sonoros acima discutidos, uma matriz de traços para a língua latina, a partir das especificações de Chomsky e Halle (1968), em que predominam traços articulatórios:

	p	t	k	b	d	g	q <sup>w</sup>	g <sup>w</sup>	f	s	h	m	n	l	r	j	w	i	e	ε	a	ɔ	o	u
Conso-nantal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
Soante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Coro-nal	-	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ante-rior	+	+	-	+	+	-	-	-	+	+	-	+	+	+	+	+	-	+	+	+	-	-	-	-
Alto	-	-	+	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+
Poste-rior	-	-	+	-	-	+	+	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
Arredon-dado	+	-	-	+	-	-	+	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	+	+
Nasal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

<sup>85</sup> Uma primeira proposta de uma matriz de traços para o latim foi feita por Kelly (1967), antes das incursões de Chomsky e Halle (1968) sobre fonologia gerativa. Kelly considera apenas 10 traços acústicos para distinguir os segmentos do latim, incluindo as vogais. O texto de Kelly não discute os fonemas do latim. Parte do pressuposto que já são estabelecidos e, a partir deles, monta uma espécie de árvore de traços dispostos como se fossem uma hierarquia de segmentos. Daí porque, na sua matriz, encontra-se o segmento /ŋ/ que, no nosso entendimento, não constitui fonema, e sim alofone, da língua latina. Por fim, salientamos, mais uma vez, que não descreveremos exaustivamente os valores articulatórios de cada um dos traços, pois, além do espaço aqui não nos permitir, estamos supondo que nosso leitor os conheça, visto que tais informações pertencem ao domínio mais elementar da fonologia gerativista.

<b>Lateral</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Contínuo</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
<b>Sonoro</b>	-	-	-	+	+	+	-	+	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Quadro 3: matriz de traços do latim

Não é nosso intento propor representações para todos os processos fonológicos do latim com a matriz acima. Ainda que tenhamos levantado alguns casos de fenômenos fonológicos entre as consoantes, não pretendemos fazer, por enquanto, a partir de todos eles, uma análise exaustiva. Apenas algumas representações mais simples, como primeiro passo para futuras análises mais completas e mais detalhadas.

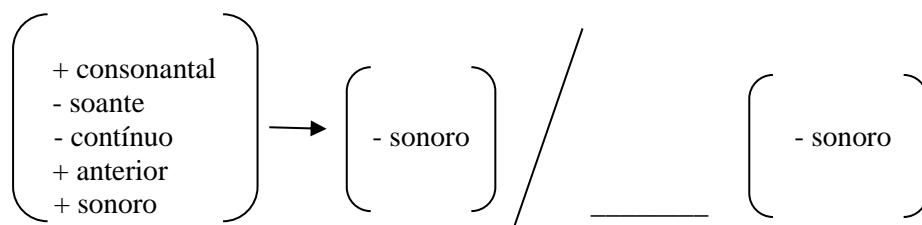
#### 4. Representações fonológicas do latim a partir de traços distintivos e da fonologia autossegmental

A partir de agora, vamos proceder a algumas representações dos processos fonológicos mais importantes ou mais problemáticos, em nosso entendimento, dentre aqueles apresentados na primeira parte deste artigo, a fim de comprovar a eficiência desse postulado teórico para visualizar e explicar melhor os fenômenos fonéticos do latim.

##### 4.1 Representação das oclusivas sonoras /b/ e /d/

Vimos que as regras estabelecidas para as oclusivas sonoras foram descritas sem um ordenamento claro em que se pudesse perceber o que, de fato, ocorreu nos processos de desvozeamento e assimilação entre as consoantes. Por isso, entendemos ser possível dividir em três etapas o processo relativo a essas oclusivas.

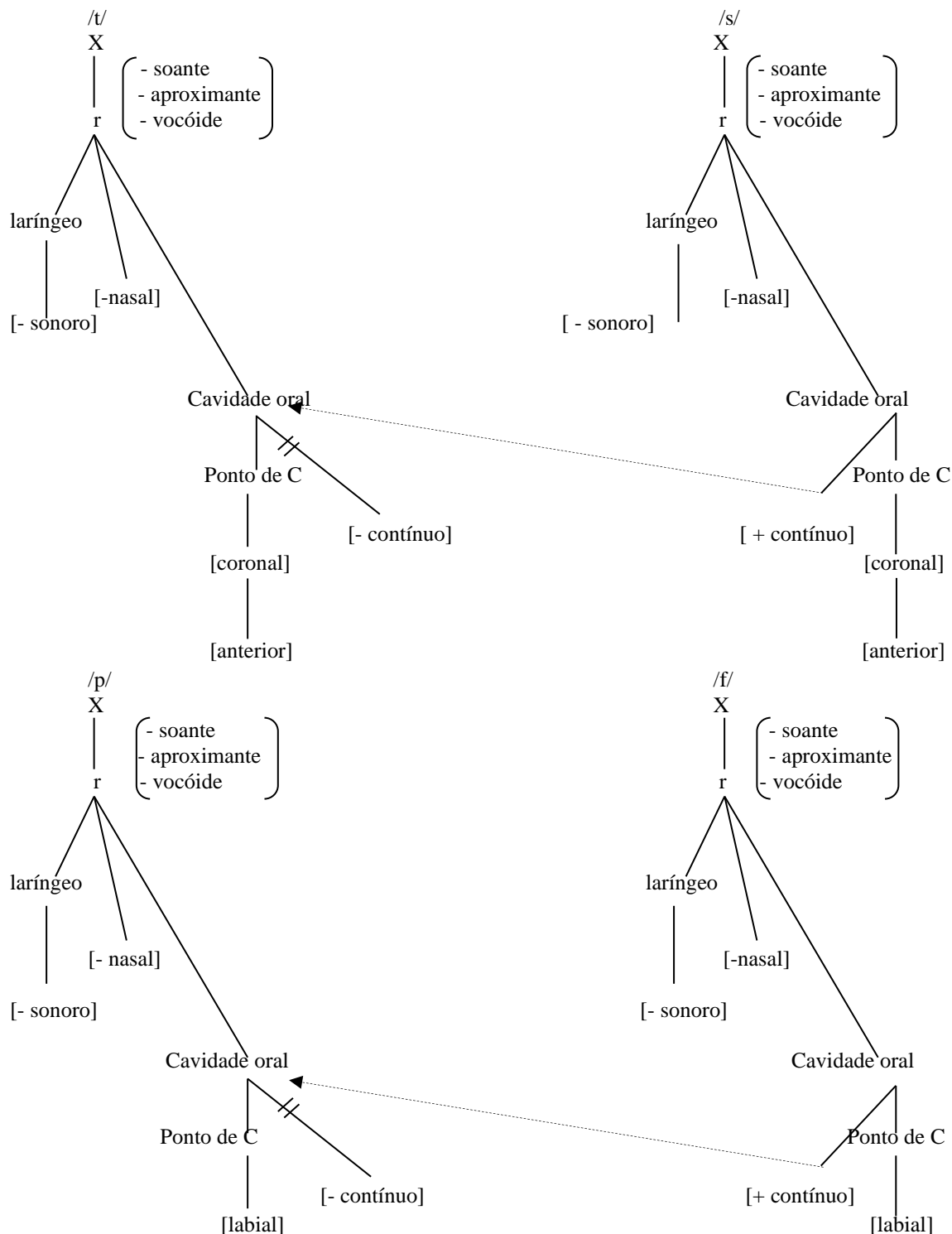
Primeiramente, podemos representar o desvozeamento de /b/ e /d/ antes de qualquer segmento surdo. Ex.: *abfero* > *apfero*; *adsequor* > *atsequor*.



No entanto, ainda é preciso explicar o fato de que [b], uma vez realizado como [p], seja assimilado pelo segmento desvozeado seguinte; algo que também acontece com [d], realizado como [t], como mostra a sequência: *abfero* > *apfero* > *affero*; *subcino* > *supcino* > *succino*; *adsequor* > *atsequor* > *assequor*; *adfui* > *atfui* > *affui*; *adpono* > *atpono* > *appono*; *adcurro* > *atcurro* > *accuro*.

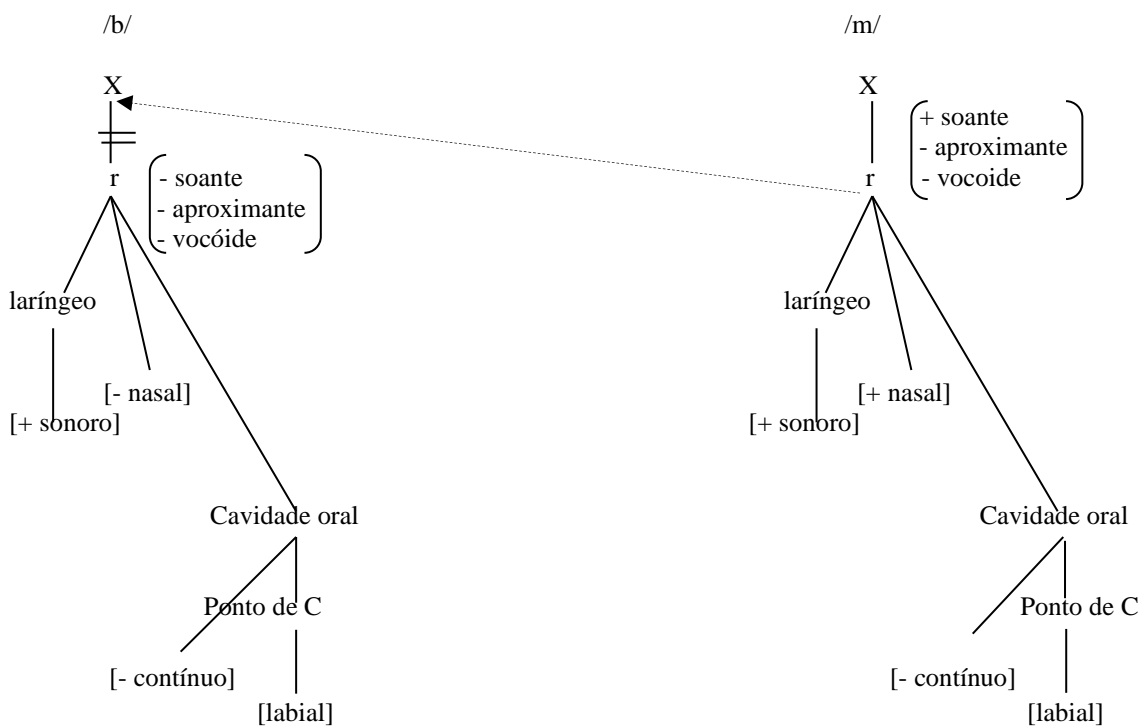
Após o desvozeamento, ocorrem dois tipos de assimilação total<sup>86</sup>, através do espraiamento de um traço específico.

O primeiro tipo ocorre no nó da cavidade oral, como em *atsequor* > *assequor* e *apfero* > *affero*, que são os casos das oclusivas sonoras, aqui tratados:

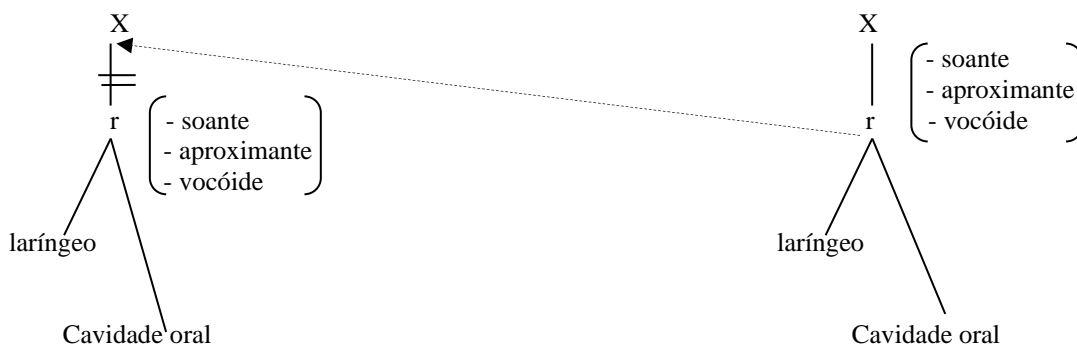


<sup>86</sup> A assimilação total acontece, porque o nó temporal se mantém. Isto é, a pronúncia longa da consoante dupla é sistêmica no latim clássico, conforme atesta a pronúncia reconstituída mencionada anteriormente.

O segundo tipo corre nos casos de assimilação de /b/ em /m/, i. e., entre segmentos sonoros, como no caso de *submoueo* > *summoueo*, quando o espraçamento ocorre no nó de raiz:



A mesma representação anterior pode ser simplificada da seguinte maneira:

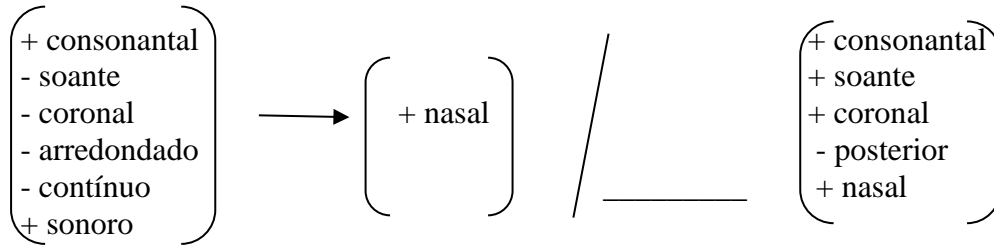


#### 4.2 Oclusiva vozeada /g/

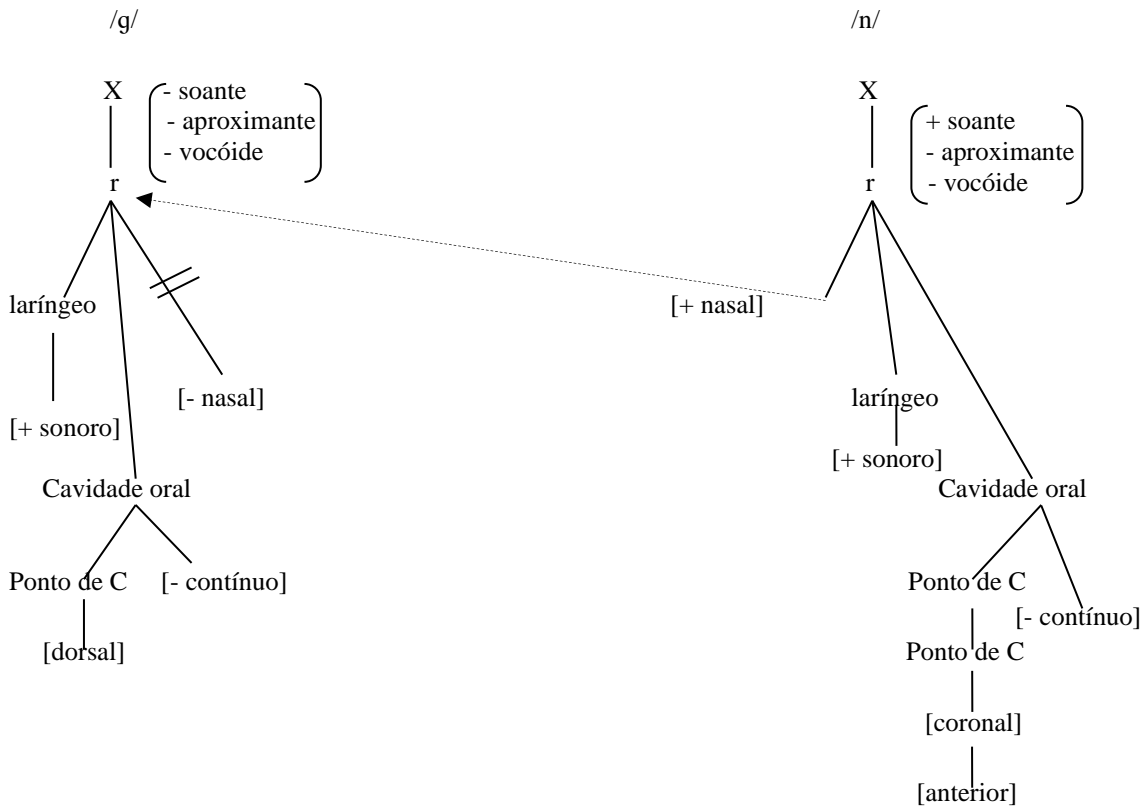
Como vimos, ocorre uma pré-nasalização de /g/ antes de /n/, que faz com que, pelo processo de assimilação regressiva, a oclusiva velar oral se realize como oclusiva velar nasal, como *agnus* (/aɲnʊs/), em que a regra:

[g] → [ŋ] / \_\_\_\_ [n]

Pode ser representada pelo modelo tradicional:



Ou, de modo mais visualmente simples, pela geometria de traços, em que se percebe nitidamente o espraiamento do traço [+nasal], do nó de raiz de /n/, em direção ao nó de raiz da oclusiva oral:

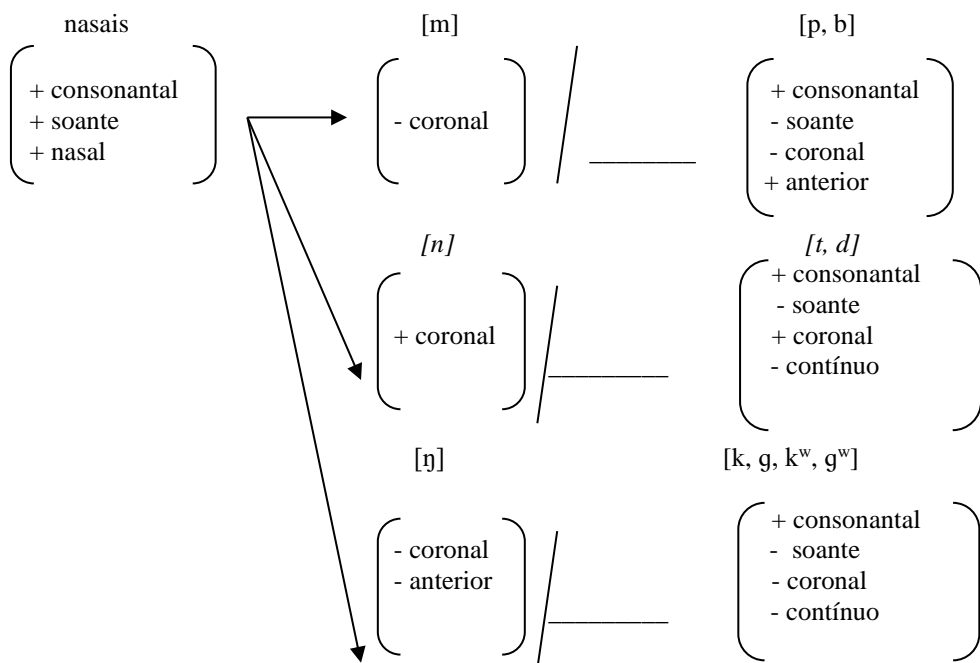


### 4.3 Nasais

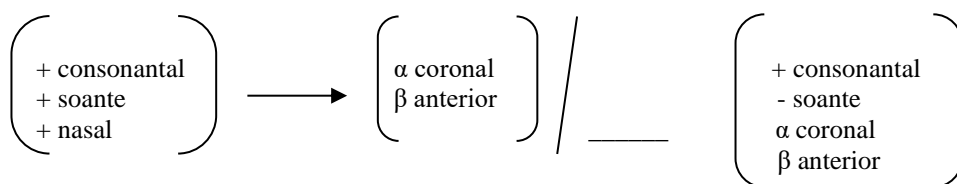
Antes de tudo, é forçoso relembrar que não há referência em Allen (1989) nem em Sturtevant (1940) a respeito da posição exata de /n/ antes de consoantes alveodentais [t, d]. Mas, como Faria (1970, p. 99) aponta argumentos em favor de uma pronúncia muito próxima à do português, parece coerente afirmar que também antes daqueles segmentos, o /n/ assimila seus pontos de articulação, como em *tantum* e *nondum*. Desse modo, é possível generalizar os

processos vistos em 1.5 (a velarização e a labialização de [n]) numa única regra de **assimilação de consoante nasal**, como também ocorre em português, em que, no nível subjacente, o arquifonema /N/ se realiza no nível concreto de três maneiras diferentes: *anceps* /ãNkeps/, *impono* /ĩNpono/, *tantum* /tãNtum/<sup>87</sup>. O *output* resultante da aplicação de regras fonológicas à classe natural desse arquifonema seria, portanto: *anceps* /ãNkeps/, *impono* /ĩNpono/, *tantum* /tãNtum/.

Em vez de representar o mesmo processo através de três regras como a seguir:



podemos fazer uma única regra em que se percebe a generalização do processo, baseando-nos na maneira como procede Bisol (2001, 37), citando Mateus (1975, p. 77), em relação ao português:



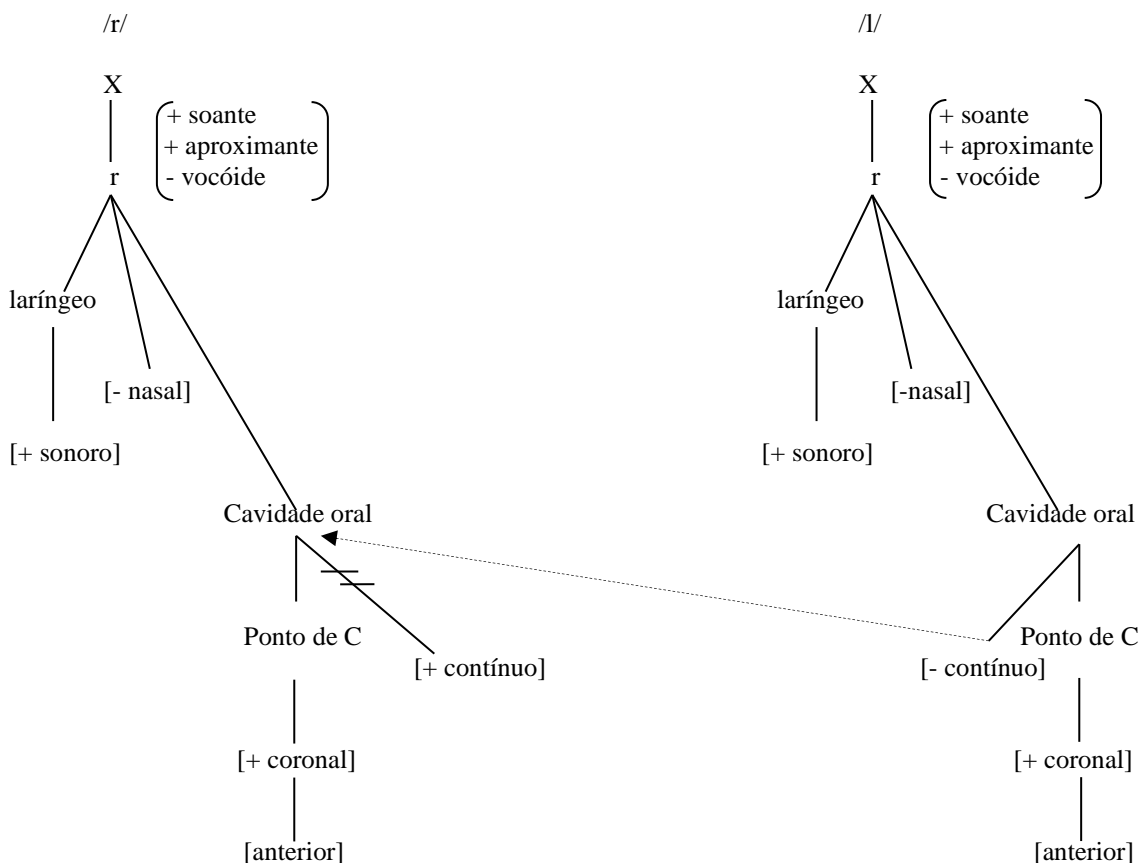
Como se vê, todos os processos ocorrem no nó da cavidade oral, o que tornaria a representação pela geometria de traços possível, mas ainda complexa. A representação acima simplifica as regras, mas é exatamente por esse motivo que ainda não nos parece convincente. Para este caso em particular, uma solução mais elegante ainda precisa ser encontrada.

<sup>87</sup> Este último seria a forma *default*.

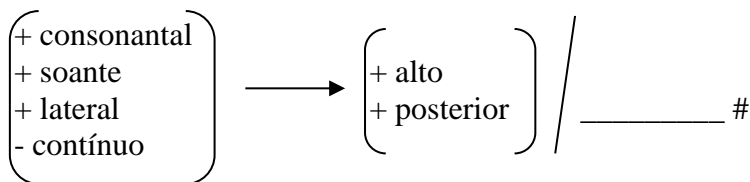


#### 4.4 Líquidas

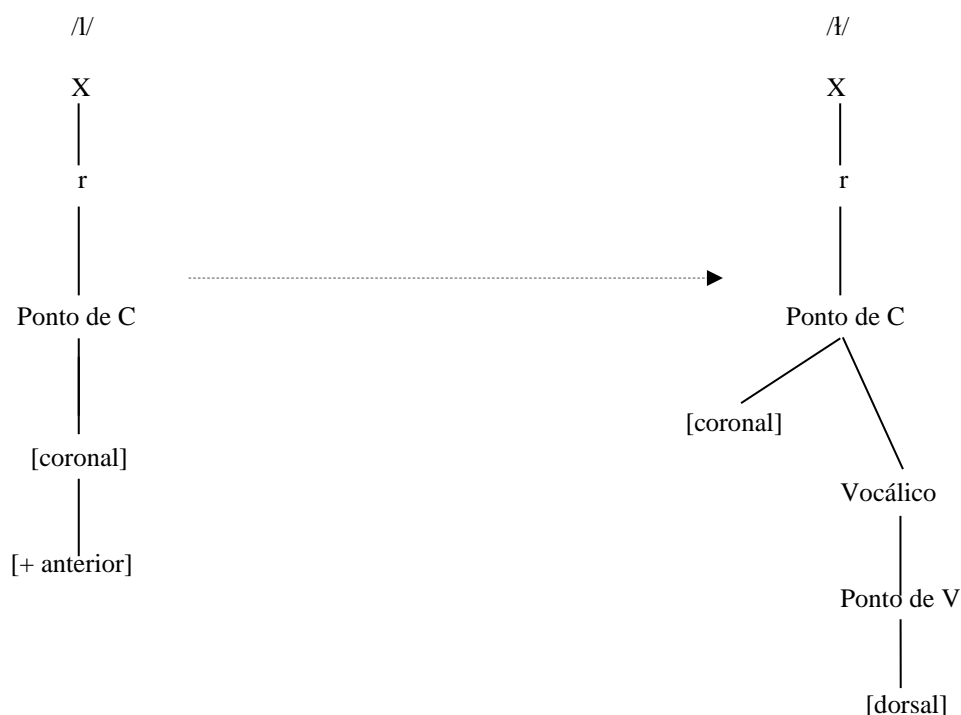
Para finalizar, faremos a representação de mais dois processos fonológicos, referentes às líquidas, começando pelo processo de assimilação no nó de cavidade oral da vibrante /r/ antes de lateral /l/, como em *inter-lego* ~ *intellego*:



E finalmente, temos o processo de velarização de /l/ em posição pós-vocálica, assim representado:



Não obstante, como tal processo é semelhante ao que ocorre em português, vamos nos basear na representação feita por Quednau (1993), citada por Bisol (2001, p. 216-217):



Nessa representação, sendo [l] uma consoante simples, é constituída apenas de traços primários, cujo ponto de C vai se ligar ao ponto de C da representação à direita, que, embora consoante, possui traços de articulação de vogal (ponto de v), e cujo traço [dorsal] dá conta da velarização de [l] (BISOL, 2001, p. 217).

### Considerações finais

Ao final desta breve exposição, esperamos ter demonstrado que a representação dos processos fonológicos do latim, sua efetiva compreensão e visualização através do modelo da Geometria de traços e de classes naturais, é clarificadora e reduz, na grande maioria dos casos, as ocorrências de tais processos – muitas vezes aparentemente desconectados – a regras mais simples e, ao mesmo tempo, mais abrangentes.

Por se tratar de uma primeira abordagem de nossa parte sobre os processos fonológicos do sistema fonêmico do latim, muitos fenômenos ficaram de fora e muitas ocorrências precisariam ser melhor representadas, e ainda diversas regras teriam que ser mais explicadas e verificadas. Por exemplo, a representações das aproximantes e das vogais (como as regras de ditongação) e alguns outros processos mais sutis e complexos, como o caso de opacidade, e depois de apagamento, de [n] antes de [s], conforme nos apresentam Faria (1970, p. 99-100) e Sturtevant (1940, p. 153), e mesmo o caso das nasais e das consoantes duplas constituem alguns dos problemas que ainda precisam de resposta.

Esperamos, contudo, que a dificuldade de trabalhar a fonética e a fonologia de uma língua não mais falada tenha sido amenizada pela descrição bastante minuciosa da pronúncia clássica que fizeram os estudiosos nos quais nos baseamos para chegar ao inventário de fonemas do latim. E, se partirmos do pressuposto que o latim clássico é uma língua natural, em que pese, reiteramos, o fato de disponibilizarmos apenas da modalidade escrita, então não há razão para não submetê-la ao escopo epistemológico de uma teoria linguística moderna, não

apenas com a finalidade de fortalecer tal teoria, mas, acima de tudo, para a compreensão em larga escala de seu sistema, particularmente o sonoro, haja vista suas óbvias particularidades. Acreditamos, por fim, que a clareza que a ordenação e generalização dos processos fonológicos fundamentados na fonologia gerativa, em particular na matriz e na geometria de traços, proporcionam aos fatos da fonêmica da língua latina uma justa e devida análise, incipiente neste momento, mas profícua em outras e futuras pesquisas.

### **Representation of the Latin consonantal system through the Autosegmental Phonology**

**ABSTRACT:** This paper aims to present a preliminary proposal to a representation of the most common Latin phonological processes, based on Autosegmental Phonology, one of the nonlinear models of Generative Phonology, specifically the Feature Geometry. For this, we made a preliminary survey of the main phonetic and phonological phenomena of Latin, still under a more traditional and structuralist orientation, to then apply the procedures of the theory. With this, we could verify that several previously unrelated phonological processes are more easily visualized, explained and understood. That happened because they were submitted to a methodological procedure that aims to interpret the sound phenomena of languages under a universal paradigm.

Key-words: Latin; phonetics; phonology; autosegmental phonology; feature geometry.

### **Referências**

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; WETZELS, W. Leo. Sobre a estrutura da gramática fonológica. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 23, julho/dezembro, 1992. pp. 5-17.

ALLEN, W. Sidney. *Vox Latina: a guide to the pronunciation of classical Latin*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

BISOL, Leda. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão Livros Editora, 1976.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

Furlan, Oswaldo A. *Gramática básico do latim*. Colaboração de Raulino Bussarello. Florianópolis: Ed. da UFRGS, 1993.

GOLDSMITH, John. *Autosegmental Phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – University of Connecticut, 1976.

GUSSENHOVEN, Carlos; JACOBS, Haike. *Understanding Phonology*. London, New York, Sydney, Auckland: Arnold, 1998.

JESUS, Carlos Renato R. de; OLIVEIRA, Paulo Maurício de Mendonça. Proposta de um quadro fonêmico do latim. In: COSTA, Lucinete Gadelha *et al.* (Orgs.). *Saberes e fazeres: produção científica da Universidade do Estado do Amazonas 2014/2015*. Manaus: UEA Edições, 2016. p. 77-88.

KELLY, David H. *Distinctive Feature Analysis in Latin Phonology*. The American Journal of Philology, Vol. 88, No. 1 (Jan., 1967), pp. 67-77. Published by: The Johns Hopkins University. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/292728>. Acesso em 10 de outubro de 2011.

KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in generative grammar*. Blackwell Publishers, 1994.

MATEUS, Maria Helena M. *Aspectos da fonologia do português*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1975.

ONIGA, Renato. *Latin: a linguistic introduction*. Edited and translated by Norma Schifano. Oxford: Oxford University Press, 2014.

POSER, William. Phonological representations and action-at-a-distance. In: HULST, Harry Van der; SMITH, Norval (orgs.). *The structure of phonological representations* (parte II). Dordrecht: Foris Publications, 1982.

QUEDNAU, Laura Rosane. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: uma análise variacionista e representação não linear*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.

RIBEIRO, Lincoln Almir Amarante; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. Uma proposta de descrição da pronúncia do latim clássico no final da República Romana. *Revista Philologus*, Ano 16, No. 46. Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan/abr. 2010.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.  
STOCK, Leo. *Gramática de Latim*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

STORY, W. W. The Pronunciation of the Latin Language. In: *The North American Review*, Vol. 128, No. 266 (Jan., 1879), pp. 59-73.

STURTEVANT, Edgar H. *The pronunciation of Greek and Latin*. 2a. ed. Chicago: Ares Publishers, 1940.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

WETZELS, W. L. Contornos nasais e estrutura silábica em Kaingáng. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *Estudos Fonológicos das línguas indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1995. pp. 265-296.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 3ª ed. Trad. de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

**Data de envio: 05 de maio de 2019**

**Data de aceite: 23 de agosto de 2019**